

# *Odes*

## **de Bocage**

I

### OS AMORES

Dos malignos Amores  
Girava os ares o volátil bando.  
Seus áureos passadores  
Dos ebúrneos carcasses semeando.

O mais destro frecheiro,  
O chefe da invencível companhia,  
Que tem do mundo inteiro  
A seus pés o destino e monarquia;

Aquele, que em desmaio  
Muda ao tigre o furor, se a dextra move,  
Que até, sem medo ao mio,  
Sacrílego farpão cravara em Jove,

Do azul campo sereno  
Desce, enfim, co'os irmãos a fértil prado,  
Vizinho ao Tejo ameno,  
E diz à turma, de que vem cercado:

«Eu, que não satisfeito  
De combater, de triunfar na Terra,  
Convosco tenho feito  
Aos próprios Céus inevitável guerra;

«Eu, que prazer sentia  
Em forjar aos mortais mortais pesares,  
Que ufano, alegre, via  
O sangue borbulhar nos meus altares;

«Eu, que em mavórcia lida  
Tomei purpúreo o límpido Scamandro,  
Eu, cruento homicida  
De Hero gentil, do nadador Leandro;

«Neste dia de gosto,  
Em que brotou de generosa planta  
Aquela, cujo rosto

Almas cativa, corações encanta;

«Neste bom dia, em que ela,  
Em que Marília, nossa glória, Amores,  
Apareceu mais bela  
Que a flor de Vénus na estação das flores;

«Do que fiz mie arrependo,  
Quero afamar-me por mais alta empresa;  
Eternizar pretendo  
A melhor produção da Natureza.

«Um de vós, sem demora,  
Procure o Velho, que em perpétua fome  
Rijos troncos devora,  
O ferro, o bronze, o mármore consome;

«Vá dizer-lhe que parta  
Logo o instrumento sanguinoso e duro,  
A foice, nunca farta  
De mandar os mortais ao reino escuro;

«Que respeite, rendido,  
Um dia tão sagrado e tão jucundo,  
Em que deixa Cupido  
Pela primeira vez em paz o mundo.

«E se o monstro faminto  
Não dobrar a cerviz no mesmo instante,  
Mostrarei que me sinto  
Para a vingança com valor bastante;

«Farei que saiba o quanto  
Pode o fervor de um amoroso afecto;  
Farei que lave em pranto  
As cãs espessas do medonho aspecto.

«O mundo não tem visto  
Obrar Amor prodígios cento e cento?  
Pois veja agora nisto  
De meus portentos o maior portento.»

Disse, e depois que soa  
Ténue sussurro, a ordem se executa:  
Um deles parte, e voa  
Do Tempo à carcomida, horrível gruta.

O Velho, injusto e forte  
Consumidor das cousas, encostado  
No regaço da Morte,

Fouce na mão, cadáveres ao lado,

Vendo entrar de repente  
O belo infante, o núncio de Cupido,  
Alça a rugosa frente,  
Em tom lhe diz soberbo e desabrido:

«Infeliz! Que arrogância,  
Que imprudência, que fado ou que desdita  
Te guia à negra estância,  
Aonde o Tempo com a Morte habita?

«Não pasmas, não tens susto  
De olhar-me? de me ouvir? Pois eu te ensino  
Com meu braço robusto  
A acatar-me, a temer-me, audaz menino.»

Disse e, vermelho o gesto,  
Torcendo os olhos, que chamejam ira,  
Move o braço funesto,  
E co'a sanguínea fouce ao Deus atira;

O ferro os ares mede,  
Obedecendo à fúria que o sacode;  
Mas eis que retrocede  
Fugindo ao nume, que ferir não pode.

Ele então com um sorriso,  
De altivez desdenhosa acompanhado,  
Volve os olhos ao liso,  
Curvo instrumento, que lhe foi lançado;

E ao monstro, que veneno  
Vomita da nojosa boca escura,  
«Cessa (diz), eu to ordeno  
Em nome de Marília bela e pura.»

Ele prosseguiria;  
Mas os dois feros sócios, escutando  
Pela voz da Alegria  
O nome encantador, suave e brando,

Quais os deuses do Inferno,  
Que a fronte, ouvindo Orfeu, desenrugaram,  
E o férreo ceptro eterno  
Das inflexíveis mãos cair deixaram,

O furor impaciente,  
Que as entranhas lhe rói, súbito amansam;  
Erguem-se, e de repente

Da mimosa deidade aos pés se lançam.

«Adorável menino  
(Clamam tremendo os dois), tu nos domaste,  
Quando o nome divino  
Da singular Marília articulaste.

«Dize, dize o que intentas,  
Que já qualquer de nós te está sujeito,  
E as nossas mãos cruentas  
Trémulas vês de affecto e de respeito.»

«Quero já destruído  
(Torna o menino), em honra deste dia,  
Esse ferro buído,  
Que com vipéreo sangue a Morte afia.

«Marília, cujo agrado  
Desencrespa e serena o mar e o vento,  
Hoje vê renovado  
Seu natalício festival momento.

«A destra Natureza  
De regozijo, de altivez se cobre  
Por criar tal beleza,  
Alma tão pura, coração tão nobre.

«Até Vénus benigna  
A disputar-lhe os cultos não se atreve;  
A louva, a julga digna  
Dos cisnes e da concha cor de neve

«Eia, pois, humilhados  
De Marília ante os olhos vencedores,  
Ante os dois adorados  
Ninhos das Graças, ninhos dos Amores,

«Sacrificai-lhe as fúrias,  
As fúrias que defesa não consentem;  
Nunca, nunca as injúrias  
Do Tempo ou Morte profaná-la intentem.»

Com isto os lábios cerra,  
E logo o Tempo dos nervosos braços  
Arroja sobre a terra  
A fouce, que entre as mãos fez em pedaços;

Depois, inda curvado,  
Diz: «Está transgredida a lei da Sorte;  
Amor, vai descansado,

Que a Marília veneram Tempo e Morte.»

Ao seu gentil monarca  
Torna o menino alígero e lhe conta  
Que o Tempo achou, e a Para  
Pronto a seu mando, a seus desejos pronta.

Juntos então revoam,  
E, de Marília próximos aos lares,  
Os Amores entoam  
Hinos canoros nos cerúleos ares.

## A ESPERANÇA

*Oferecida em Macau à Excelentíssima Senhora D. Maria de Saldanha Noronha e  
Meneses*

Musa, não gemas; ergue, ó desgraçada,  
O rosto macilento,  
Da vista a frouxa luz quase apagada  
Nas lágrimas que vertes. Musa, alento!  
Move a trémula planta,  
Pisa os receios e a Marília canta.

Canta da ilustre dama a gentileza,  
A prole esclarecida,  
Os dons da sorte, os dons da Natureza,  
As prendas com que a vês enriquecida,  
E, depois de a louvares,  
Torna a teus choros, torna a teus pesares.

Ah!, que já sinto, milagroso objecto,  
Quanto pode o teu rosto!  
Da malfadada Musa o torvo aspecto  
Já cora, já se vai do meu desgosto  
Sumindo a névoa densa,  
Que desfaz, com o sol, tua presença.

Inclina pois, magnânima Senhora,  
Os dementes ouvidos  
À voz que não profere, aduladora,  
Altos encómios de razão despídos:  
A verdade celeste  
Com seu cândido manto os orna e veste.

A ti, dignos de ti, Manha, voam;  
A ti, bela heroína,  
Cujas mil graças mil virtudes c'roam;  
A ti, que enches de glória a fértil China,  
Enquanto a que te adora,  
Mísera Pátria, tua ausência chora.

As deidades, criando-te, exauriram  
O seu cofre divino;  
A teus encantos para sempre uniram  
Em áureo laço o mais feliz destino;  
E eis os dons com que brilhas  
Reproduzidos nas mimosas filhas.

Esses tenros, lindíssimos pedaços  
Da tua alma preciosa,

O ledo par gentil, que nos teus braços  
Das doces, maternais carícias goza,  
Teus dias felicita,  
E nas amáveis perfeições te imita.

Com meiga voz, com eficaz exemplo,  
Com saudáveis doutrinas  
Ao que habita a Virtude, eterno templo,  
O caminho estelífero lhe ensinas,  
A mim, mortal profano,  
A mim tão árduo, para ti tão plano.

Já do etéreo vestibulo te acena  
Almo esquadrão radioso;  
Já na celeste região serena  
Génios sem mancha em hino harmonioso  
Te nomeiam... Lá brada  
De ilesas virgens multidão sagrada.

Não ouves, ó Marília, as vozes delas?  
Repara como of'recem  
Do teu pudico amor as prendas belas  
A glória sem limites, que merecem...  
Não me engano, em vós chove  
O fragrante licor, que liba Jove.

Vós sois... Porém não mais, ó Musa inerte!  
Basta, cesse o teu canto;  
As vozes de prazer em ais converte,  
Nadem teus olhos outra vez em pranto,  
Que as almas compassivas  
Atendem mais às lágrimas que aos vivas.

Com suspiros, ó triste, implora, implora  
De Marília a piedade;  
Ela é justa, ela sente, ela deplora  
Os erros da infeliz Humanidade;  
Contra o Fado inimigo  
Na sua compaixão procura abrigo.

Roga, roga-lhe enfim, que te destrua  
As ânsias, os temeres;  
Que à Pátria, ao próprio lar te restitua.  
Ah!, já te diz que sim; não mais clamores;  
Musa! Musa! descansa,  
Cantemos o triunfo, ó Esperança!

Olha como a tirana, a má Desgraça  
As cobras arrepela,  
E as sanguinosas vestes despedaça!...

Zombemos, coração, zombemos dela.  
Monstro, já não me espantas,  
Lá cai, lá freme, de Marília às plantas.



### III

#### A GRATIDÃO

*Ao Senhor Lázaro da Silva Ferreira, Desembargador da Casa da Suplicação e Governador Interino de Macau*

##### *Ode sáfica*

Ao som confuso da celeuma, os nautas,  
Às duras barras animando os peitos,  
O cabrestante, que emperrado geme,  
Rígidos volvem.

Galerno as asas transparentes bate  
Nos azuis prados onde o sol passeia;  
Içam-se gáveas, e do fundo a curva  
Âncora sobe.

Amenos campos, agradável clima  
Onde o meu Tejo por areias de oiro,  
Por entre flores murmurando e rindo,  
Límpido corre;

Pateros lares, que saudoso anelo,  
Sacros Penates, que de longe adoro,  
Suave asilo, que perdi vertendo  
Lágrimas ternas;

Eu torno, eu torno por Amor guiado,  
Exposto à fúria dos tufões, dos mares;  
Eu torno, eu torno para vós; ouviu-me  
Júpiter alto.

Do formidável tribunal supremo,  
Ante quem pasma a Natureza e donde  
Os nossos crimes, as virtudes nossas  
Integro julga;

Do trono eterno, que as estrelas calca,  
Trono adorável, cuja luz divina  
Os próprios olhos imortais, que o cercam,  
Trémulos sofrem;

Às mestas preces da minha alma aflita  
O Deus dos deuses anuiu, clemente,  
E em rósea nuvem pelos ares desce  
Nítido Génio.

Purificando co'um sorriso o dia,  
Afáveis olhos para mim volvendo,  
Me diz: «Não chores, á mortal, não chores;  
Mísero, basta!

«Dos orbes de oiro inumeráveis baixo  
A sufocar-te as clamorosas queixas;  
Teus bruscos dias vão trocar-se em ledos,  
Prósperos dias.»

Disse o brilhante cortesão de Jove  
(Era a Piedade), que na rubra nuvem  
Abrindo os ares, mais veloz que os ventos  
Súbito fuge.

Varão sublime, tu, ouvindo os ecos  
Do mensageiro do inefável Númen,  
Ardes em glória; para mim teu rosto  
Plácido voltas.

Eis os sorrisos, que a Tristeza amarga  
De vós banira com decreto horrendo,  
Ei-los de novo sobre vós, ó minhas  
Pálidas faces!

Clama, não cesses, Gratidão, não cesses;  
Sê minha musa, Gratidão, virtude  
Que desconhecem, desacatam, mancham  
Sórdidas almas.

Lembrem-te as feias, ululantes Fúrias,  
Postas em torno de meu berço infausto,  
Das ígneas fauces contra mim vibrando  
Hórrido agoiro.

Lembrem-te os males, as terríveis ânsias  
Que este sensível coração farparam;  
De férreos peitos, que sem dó me ouviram,  
Lembra-te, ó deusa!

Se eu vou nas aras dos Penates caros  
Pendurar votos, consumir incensos,  
Depositando sobre a lísia praia  
Ósculo grato;

Se as inocentes, fraternais carícias  
Vou, cobiçoso, recobrar na Pátria,  
Em cuja ausência fugitivas horas  
Séculos julgo;

Se as cãs honradas vou molhar de pranto  
Ao sábio velho, que me deu co'a vida  
Os seus desastres, por fatal, por negra,  
Lúgubre sina;

Se estou já livre da cruel Desgraça,  
Que nas entranhas me enterrava os dentes,  
Bem como a Tício nos infernos morde  
Sôfrego abutre,

Tudo a ti devo, ó benfeitor, ó grande,  
Que a roçagante, venerável toga  
Mais venerável pelos teus preclaros  
Méritos fazes.

Tudo te devo: a gratidão não sofre  
Que teus favores generosos cale;  
Julga tu mesmo se o silêncio é crime,  
Arbitro excelso.

Aos estrelados, aos cerúleos globos  
Sempre em meus hinos subirá teu nome,  
Enquanto o golpe me não der no fio  
Átropos crua.

Ó Céus! Ó Fados! conservai Ferreira;  
São necessários os heróis no mundo:  
E tu, ferrolha os procelosos monstros,  
Eolo amigo.

#### IV

*À Excelentíssima Senhora D. Catarina Micaela de Sonsa César e Lencastre,  
depois Viscondessa de Balsemão*

#### *Ode sáfica*

Consoladora de meus negros males,  
Musa, que à sombra dos ferais ciprestes  
Comigo entoas lacrimosas nébias,  
Lúgubres cantos;

Eia, deixemos uma vez, deixemos  
O horrível ermo, que arremeda o caos,  
E em cujas trevas apinhados guincham  
Fúnebres mochos;

Eia, saiamos uma vez, saiamos  
Desta medonha habitação da Noite;  
Vamos um dia respirar serenos  
Límpidos ares.

Mas não arranques da mirrada fronte,  
Não, não arranques a funérea c'roa,  
Nem dispas essa lastimosa, antiga,  
Rústica veste.

Vamos carpindo, soluçando, ó Musa,  
Aos venerandos, majestosos lares,  
Que o rubro Febo co'as irmãs e as Graças  
Cândidas pisa.

Segue meus passos; em lugar das campas,  
Em vez das portas do silêncio eterno,  
Hoje de ilustre pavimento os lisos  
Mármore toca.

Mas não te esqueça a lutuosa of'renda,  
Que envolta em pranto consagraste às cinzas,  
E às mil virtudes imortais do luso  
Príncipe excelso.

Alta heroína, singular Lencastre,  
Da árida planta não rebentam flores,  
Nem mestas aves agoureiras sabem  
Cântico alegre.

Outros nas asas de melífluos hinos  
Doces prazeres pelos ares soltem;

Brandos Amores, deleitosas Graças,  
Cantem-vos outros.

A luz primeira, que meus olhos viram,  
Foi de fantasmas infernais turbada;  
Eles o berço me embalaram, dando  
Hórridos gritos.

As torvas Parcas me fadaram logo,  
Negros agouros sobre mim caíram,  
E de meu lado em terror voaram  
Júbilo e riso.

Tu, pois, matrona, que no grau sublime,  
Em que a Fortuna com seus dons te c'roa,  
Mais da fecunda Natureza as grandes  
Dádivas prezas:

Tu, que passeias o Piério Cume,  
Onde entre flores, que não murcha o tempo,  
Aromatiza, co'os eflúvios delas,  
Zéfiro, os ares:

Ouve, propícias dissonantes versos,  
Nas mudas trevas pela dor criados;  
Mais nada quero do favor celeste;  
Ouve-me, e basta.

Se te deverem compassivo agrado  
Os acres frutos da roaz Tristeza,  
Que no chagado coração me crava  
Lívidos dentes;

Embora as bocas do profundo Averno  
Milhões de Fúrias contra mim vomitem;  
Embora à porta de meu pobre asilo  
Cérbero ladre;

Peito de bronze, coração de ferro,  
Sempre à Desgraça mostrarei constante;  
Nunca meu sangue gelarão teus sopros,  
Frígido susto!

*Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Luís de Vasconcelos Sousa Veiga  
Caminha e Faro, etc.*

Musa de Elmano, que giraste aflita  
Por inóspitos mares,  
Onde curtiste os sopros, que de Eolo  
Os rápidos ministros  
Vibram das frias procelosas fauces;  
Ó fiel companheira  
De meus prazeres vão, meus longos males,  
Afinemos a lira  
De lágrimas inúteis orvalhada;  
A lira maviosa  
Que as roucas tempestades, cor do Inferno,  
E o raio pavoroso  
Para longe de nós afugentava.  
Se da tórrida zona  
Os bárbaros e adustos moradores  
Surdos, férreos ouvidos  
Para teus sons harmónicos tiveram;  
Se a loquaz Ignorância  
Sobre as margens auríferas do Ganges  
Co'um sorriso afrontoso  
As vis espaldas te voltou mil vezes;  
Se a vasta, a fértil China,  
Fofa de imaginária antiguidade,  
Pelo seu pingue seio  
Te viu com lasso vagar mendiga;  
Se a mirrada Avareza,  
Aferrolhando os cofres prenhes de oiro  
Lá onde o sol o gera,  
Foi mais dura que mármore a teus versos;  
Se até agora a Desgraça  
De espessa névoa carregou teus dias,  
E qual a inseparável,  
Contínua sombra, perseguiu teu passo:  
Eis a hora, eis a hora  
Que o grão Jove remiu da turva série  
Dos teus lúgubres anos  
Para princípio da feliz mudança  
Que destina a teu fado.  
Tu, pois, de rubra cor tingindo a face  
Que as mágoas desbotaram,  
Tacteia, ó Musa minha, as ténues cordas.  
Olha a leda Esperança,  
Universal tesouro; ei-la apontando  
Para a pomposa estância

Do singular varão, do herói sublime  
Que as virtudes laureiam.  
Entremos pelo pórtico espaçoso,  
Onde jaz a Piedade  
Pronta a dar acolheita aos infelices.  
Eia, Musa, tentemos  
Os marmóreos degraus... eia, subamos  
Ao brilhante aposento  
Do ilustre Vasconcelos, cujo nome  
De clima em clima a Fama  
Por cem bocas, alígera, semeia.  
Vasconcelos, que ainda  
Na dilatada América opulenta  
Pela intacta Justiça,  
Pela terna Saudade é suspirado;  
Vasconcelos, aquele  
Que de um sorriso, ó Musa, honrou teu canto  
Lá na tépida margem  
Do límpido Janeiro, que a cerúlea  
Gotejante cabeça  
Tantas vezes alçou da vítrea gruta  
Para urdir-lhe altos hinos  
Entre o coro das mádidas Nereidas;  
Vasconcelos, o grande,  
O sábio, o justo, o benfeitor, o amigo  
Dos que a cega Fortuna  
Com despótica mão na roda errante  
A seu capricho agita,  
A seu... Porém, que vejo! Excelso objecto,  
Venerável semblante,  
Herói, prole de heróis, eu te saúdo,  
Como o pálido nauta  
Que, descalços os pés, as mãos erguidas,  
Curvados os joelhos,  
Perante o Rei dos reis, o Deus dos deuses,  
Crebras graças lhe envia,  
E sobre os sacros mármoreos do templo  
O roto pano estende,  
Salvo das fúrias do terrível Bóreas!  
Eu te saúdo, ó alma  
Que brilhas entre as mais, qual entre os astros  
A nocturna Diana,  
Quando com plena luz o argênteo rosto  
Aos mortais apresenta!  
Senhor, teus olhos, compassivo, abaixa  
Para o lânguido objecto,  
Que a má ventura te arremessa às plantas.  
Em vão cansei 'té'gora  
Com ais o Céu, com lágrimas a Terra:  
O almo calor divino,

O milagroso dom, que a raros cabe,  
Que do lóbrego Inferno  
As férreas portas hórridas arromba,  
E que das mãos a Dite  
Rouba as tenáreas chaves, o ígneo ceptro,  
Enternecendo as Fúrias,  
Adormentando o cão de três gargantas,  
Já seu mágico efeito  
Não produz nos mortais; de todos eles  
Só tu, só tu me restas.  
Ah!, punjam-te meus ais, meus ais te firam;  
Doira, doira a pesada  
Negra cadeia de meus tristes dias  
Condenados ao pranto,  
Que poder contra ti não tem meu Fado.  
Em magníficas mesas  
Lautos festins o paladar cobice  
Do voraz parasito;  
A precisa, a saudável temperança  
Sacrificar deseje  
A perniciosa gula; ande embora  
Áureas taças fragrantas  
Do itálico falerno e cíprio néctar;  
Embora o bruto avaro  
Vele junto do cheio, inútil cofre,  
Do cárcere precioso,  
Onde tem sepultada a vã riqueza;  
Nutra-lhe a fome insana,  
Ceve-lhe os olhos o reflexo do oiro,  
Seu ídolo, seu tudo;  
Que eu só quero, Senhor, obter o asilo  
Que dás aos desgraçados,  
Que me deves também, pois tal me observas.  
Do teu favor o escudo  
Rechace os golpes que me vibra o Fado;  
Com força mais que humana,  
Qual de Palas a Égide impenetrável,  
Petrifique as sanhudas,  
Horrendas mãos da acérrima Desgraça,  
Contra mim prontas sempre.  
Das garras da Penúria desarreiga  
O infeliz, que te invoca:  
Se é possível crescer teu vasto nome,  
Só assim o acrescentas.



VI

*À improvisa morte do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Principal Mascarenhas e oferecida ao Ilustríssimo Senhor José Pedro Hasse de Belém, do Conselho de Sua Majestade e Prelado da Santa Igreja Patriarcal*

*Ode alcaica*

*...Tuum Poenos etiam ingemuisse Leones  
Interitum, montesque feri, Sylvaeque loquuntur.*

Virgílio, Écloga V

Canora Musa do culto Píndaro,  
Que remontavas seu estro férvido  
Sobre as purpúreas asas  
De almos, fogosos êxtases:

Longe os aromas com que teu hálito  
Fecunda as mentes dos vates ínclitos,  
Que em altíssimo metro  
Vão arrostar com Júpiter.

Desce a meus gritos só tu, Melpómene,  
Só tu, que envolta no manto lúgubre  
A lastimosas cenas  
Dás suspiros, das lágrimas!

Desce a meus rogos, traze-me, inspira-me  
Nénias queixosas, fúnebres cânticos,  
Que, desgrenhada, entoas  
Sobre os medonhos túmulos.

Negra falange de pragas hórridas  
Assalte o monstro voraz e indómito,  
Que restitui ao nada  
Os humanos misérrimos.

Eia, imprequemos a morte lívida,  
Que nos abismos em trono de évano  
Preside à chusma enorme  
Das Fúrias, Hidras, Górgonas.

Ela, a tirana, de estragos ávida,  
Cujas melenas são cruéis áspides,  
Qual Cérbero, ululando  
Surge do ardente bátrato;

De estígios monstros maldito séquito

Une-se a ela; da terra as húmidas  
Pedregosas entranhas  
Fende a caterva rábida.

Eis aparecem no mundo, e súbito  
Murcham-se as flores, secam-se as árvores;  
O Sol pára enfiado,  
Coalham-se as fontes lúbricas.

Das ígneas fauces maligno tóxico  
Solta nos ares o tropel ímprobo:  
Caem por terra, arquejando,  
Envenenadas vítimas.

Em torno os olhos a Morte pálida  
Mil e mil vezes volve, frenética,  
E aniquilar deseja  
A Natureza pávida.

Por entre alegres e fiéis súbditos  
Que o acompanham, descobre a bárbara  
Excelso herói, munido  
De fresca idade flórida;

Varão sublime, pio, magnífico,  
Ramo de antiga planta frutífera,  
Sempre, alma Virtude,  
Com teus orvalhos mádida;

Varão exímio, que honrava a púrpura,  
Que as fofas asas do orgulho tímido  
Prendia, cerceava  
Com gesto brando e plácido.

Ciência augusta, dos deuses dádiva,  
Tu exornavas sua alma cândida;  
Tu jamais o cegaste  
Vã grandeza fantástica.

A vil, bilingue lisonja pérfida  
A seus ouvidos sempre foi áspera;  
Só lhe inflamava o peito  
A sã verdade lúcida.

De avós egrégios o vasto número  
Só recordava, para ser émulo  
Da brilhante virtude,  
Que os fez na Pátria célebres.

À macilenta pobreza lânguida

Sempre incansável sua mão próspera  
Arrancava as mordazes,  
As esfaimadas víboras.

Bom Mascarenhas! A morte horrífica,  
Como invejando teu alto mérito,  
Corre e crava em teu peito  
A garra curva e ríspida.

Com riso horrível, com ímpio júbilo  
O Monstro” escuta suspiros trémulos,  
Que de mil almas voam  
Aos grossos ares túrbidos.

E co’os sequazes no fundo Tártaro  
Cai de repente, do baque horrísono  
Espantadas as Fúrias,  
Tremem no eterno Cárcere.

Mas tu, ditoso, plácido espírito,  
Entre os risonhos coros angélicos  
Num turbilhão de luzes  
Sobes aos astros nítidos.

Eu, eu penetro co’a mente alígera  
Os sacros muros do Céu diáfano!  
Lá vejo, sim, lá vejo  
Áureo diadema ornando-te.

E inda carpimos, Hasse magnânimo!  
Ah!, não reguemos o surdo mármore  
Do herói, que em paz perpétua  
Logra a visão beatífica.

Troquem-se os choros em hinos mélicos,  
Em ledos cantos as nébias fúnebres;  
Desarreiguemos da alma  
A seva dor anguífera.

Sim, adoremos, tácitos, ó tímidos,  
O Deus terrível, dos homens árbitro,  
Que empunha, que arremessa  
O raio horrendo e rápido.

Tu, que professas virtudes sólidas,  
Ah!, não consintas, Cristão Filósofo,  
Que abale inútil mágoa  
Tua constância rígida.

## VII

### À FORTUNA

Cega Fortuna, embora a teus altares  
Curve o profano avaro seus joelhos,  
Queime o rico os incensos, que da Arábia  
O luxo conduzira;

Um insensato amante te respeite,  
Por frustrar os cuidados dum pai cauto,  
E talvez, com horror da Natureza,  
Cevar vis apetites,

E quantos sem justiça conseguiram  
As bandas, os bastões, as brancas varas,  
Sem varrer muitas vezes podres bancos  
De soberbos ministros;

Chamem-te uns Númen grato, outros benigno,  
Este luz dos mortais, divina aquele,  
À maneira da cega Antiguidade  
Outros te rendam cultos;

Talvez... Eu tremo!... Céus! Que horrendo crime!  
Tu vês, em teu obséquio, adoradores  
Sacrílegos voltando as ímpias costas  
À sábia Providência.

Eu não pendo de ti, eu não conheço  
Outras leis, que as do Númen que governa  
De cima das estrelas todo o orbe,  
Omnipotente e sábio.

Se a pobreza importuna me persegue  
Desde o berço talvez à sepultura;  
Se a feia enfermidade estende as asas  
E em mim o golpe acerta;

Se a Morte, a negra Morte, vem roubar-me  
A minha protecção e o meu asilo;  
Ou arranca da terra os pais mais ternos,  
Primor da natureza

A fome, a orfandade, os mais trabalhos  
Reconheço por dons da divindade;  
Beijo a sagrada mão que assim me fere,  
Respeito seus decretos.

Imprecações não tenho, nem queixumes  
Contra quem como pai, quando castiga,  
Deixa logo entrever terna bondade  
Que o pranto nos enxuga.

Quando tens inspirado tal constância  
A esses teus heróis, heróis fingidos,  
Que tremem de pavor ao fraco voo  
Duma ave carniceira?

Das teses as entranhas denegridas,  
Dum galo a forte voz, o menor caso,  
Inda o mais natural, os amedronta;  
É isto heroicidade?

O crime lhes dirige ousados passos,  
Lhes inspira as empresas atrevidas,  
Que fizeram calar a terra toda  
À sua feroz vista.

Frenética ambição devora César,  
Um amor sensual o grande António,  
Importuna cobiça um Alexandre,  
Eis teus favoritos.

Foge, fuge, Fortuna; deixa embora  
Co'a mísera indigência ande lutando;  
Essas tuas vantagens não as quero,  
Não quero teus favores.

Procura adoradores; eu não rendo  
A Númens estrangeiros culto impuro;  
À santa Providência a cerviz curvo  
Com humilde respeito.

Se ela pobre me quer, eu me conformo  
Com o santo querer, que assim o manda:  
Da amável paciência revestido  
Os seus golpes recebo.

Por isto não trocara palmas, louros,  
Que os campeões adornam triunfantes;  
Triunfo de mim mesmo: esta a vitória  
Que a fama cantar deve.

## VIII

*À Excelentíssima Senhora D. Maria de Guadalupe Topete Ulhoa Galfim*

Enquanto mãos servis o altar incensam  
Da Fortuna inconstante;  
Enquanto as almas cobiçosas pensaria  
No metal coruscante;

Enquanto alerta, circulando os ares,  
O fatal cabo montas,  
Ó tu, que os raios, os tufões, os mares  
Audaz e insano afrontas!

Enquanto no teatro de Mavorte  
Traça astuto guerreiro  
Às opostas falanges cruel morte,  
Ou duro cativo;

Enquanto sobre o trono o rei potente,  
Da lisonja adorado,  
Inda assim mesmo não está contente,  
E acha o ceptro pesado:

Servindo-me de bálsamo teu riso,  
Eu, com ânimo forte  
(Ó Paz amiga), os golpes cicatrizo  
Que me tem dado a Sorte.

À ruiva margem do aprazível Tejo,  
No meu tugúrio pobre,  
Claras virtudes são os bens que invejo,  
Rico de uma alma nobre.

Aqui meus hinos a verdade entoa,  
Aqui sobre mil flores  
Aos atractivos da preclara Ulhoa  
Forjo eternos louvores.

Não vos invoco, ó Musas, não preciso  
Vossa mão protectora;  
Amores, que podeis, trazei-me um riso  
De Armia encantadora:

Por vós com moles ósculos furtado,  
Minha ideia avigore,  
E dos vis zoilos o tropel malvado  
Em meus versos o adore...

Porém, que ignoto lume, o Céu dourando,  
Aviva a luz do dia!  
Ah!, que lá vem nos ares cintilando  
Um sorriso de Armia!

A tropa de Citera o traz cativo,  
E em torno dela adeja  
O transparente Zéfiro lascivo  
A murmurar de inveja.

Prazeres do suave paraíso,  
Resumidos no encanto  
De um deleitoso e cândido sorriso,  
Com que Amor pode tanto:

A vós, a vós consagro a minha lira,  
E nas asas do vento  
Além do espaço azul, que Apolo gira.  
Voa o meu pensamento.

Ótimo fruto de alterosa planta,  
Vénus só na beleza,  
Semideusa gentil, que enches de tanta  
Vanglória a Natureza:

Menos brilhante do que as graças tuas,  
Dançam entre os Amores,  
Lá nos cíprios jardins, as Graças nuas,  
Calcando as tenras flores.

Não era, ó Ninfa, como tu formosa  
A bela desgraçada  
Que o lácteo seio penetrou saudosa  
Com a troiana espada

Se de Frígia te visse o pastor loiro,  
Que às divinas porfias  
Pôs termo, teu seria o pomo de oiro,  
Ou seu prémio serias.

De teus esclarecidos ascendentes  
A veneranda história  
Impressa vive, em lâminas pendentes  
Das aras da Memória.

O fresco Tejo, o fresco Mançanares  
Lá noutra idade os viram  
Obrar altas proezas singulares,  
E por eles suspiram.

Que direi da tua alma? Inda é mais bela  
Que teu belo semblante;  
Angélicas virtudes formam dela  
O retrato brilhante.

Mas teus celestes dons serão manchados  
Com meu tosco elogio;  
Com versos, que talvez sejam lançados  
No sonolento rio!

Indesculpável, perigosa audácia  
Teus louvores me inspira;  
Que mais fizera, se o cantor de Trácia  
Me confiasse a lira?

Novo Atlante, o sidéreo firmamento  
Quero manter nos ombros,  
Se da tua alma debuxar intento  
As graças e os assombros.

Foge-me a lira pávida; receia  
O assunto majestoso;  
E já meus lábios trémulos enfreia  
Silêncio respeitoso.



## IX

### *A André da Ponte de Quental e Câmara*

O Tirano de Roma empunha o raio,  
Despede-o contra Séneca inocente;  
Ao sábio perceptor fulmina a morte  
O discípulo ingrato.

De Nero à dura voz se amorna o banho,  
As veias se retalham, corre o sangue,  
Avermelham-se as águas, folga o monstro,  
O Filósofo expira.

Sócrates imortal, que um Deus proclama,  
O mestre de Platão, lá comparece,  
De acusadores vis enegrecido,  
No corrupto Areópago.

De altas meditações, de altas virtudes.  
Colhe... (que fruto!) a gélida cicuta;  
Cai em silêncio eterno, eterno sono  
O oráculo de Atenas.

No abismo do infortúnio, da indigência  
Agonizam Camões, Pachecos morrem;  
Mendigo e cego, pela iníqua Pátria  
Erra o grão Belisário.

De atros vapores, de tartáreas sombras  
Nomes augustos a calúnia abafa,  
'Té que rebente um sol da noite do Erro,  
A Razão justiça.

Os Homens não são maus por natureza;  
Atractivo interesse os falsifica,  
A utilidade ao mal, e ao bem o instinto  
Guia estes frágeis entes.

Enquanto das paixões activo enxame  
Ferve no coração, revolve o peito,  
*Perde* o carácter, o equilíbrio perde  
A Rectidão sisuda.

Eis surge imparcial Posteridade  
Na dextra sopesando etéreo facho.  
Tu, cândido, gentil Desinteresse,  
Tu lhe espertas a flama.

O critério sagaz, à frente de ambos,  
Aparências descrê, razões combina,  
Esmiúça, deslinda, observa, apura, .  
E depois sentencia.

Já .sem nódoa a virtude então rutila,  
Já sem máscara o vício então negreja,  
Desce ao túmulo a Glória, heróis arranca  
Aos domínios da Morte.

Se não somos heróis, se em nós, ó Ponte,  
Afoiteza não há, não há constância,  
Para com férrea mão suster da Pátria  
A nutante ventura;

Se em útil, em moral filosofia  
Não damos aos mortais a lei, o exemplo;  
Se dos luzeiros sete à clara Grécia  
O grau não disputamos;

Nossos nomes, amigo, alçados vemos  
Acima dos comuns: ama-nos Febo,  
As Musas nos enlouram; cultos nossos  
Mansa Virtude acolhe.

Em tenebrosos cárceres jazemos;  
Falaz acusação nos agrilhoa;  
De opressões, de ameaços nos carrega  
O rigor carrancudo;

Mas puro dom dos céus, alva inocência  
Esta afronta, este horror nos atavia;  
Íntima candidez compensa as manchas  
Da superfície escura.

Males com a existência andam cosidos;  
Desde o primário ponto do Universo  
Esta amarga semente sobre a Terra  
Caiu da mão dos Fados.

Em tanto que a raiz tenaz, fecunda,  
Infecta o coração da natureza,  
Os tugúrios sufoca, assombra os tronos  
A venenosa rama.

Que muito que empeçonhe os nossos dias  
O que os séculos todos envenena!  
Não merecer-se o mal é jus, é parte  
Para sentir-se menos.

Deixemos a perversos delatores  
Os filhos do terror, fantasmas negros,  
Que o medonho clarão da luz interna  
Assopram sobre os crimes.

Se a verdade entre sombras esmorece,  
Se das eras tardias pendo e pendes,  
Para o são tribunal, que ao longe assoma,  
Eia, amigo, apelemos.

Também há para nós posteridade:  
Quando lá no sepulcro em cinzas soltos  
Não pudermos cevar faminta inveja,  
Calúnia devorante,

Os vindouros mortais irão piedosos  
Ler-nos na triste campa a história triste;  
Darão flores, ó Ponte, às liras nossas,  
Pranto a nossos desastres.

## A INSTABILIDADE DA FORTUNA

*Versos epódicos*

De serenos Favónios bafejada  
Alveja no horizonte  
Mansa Aurora, afagando a Natureza;  
Das libertas madeixas  
Destila sobre a Terra humor benigno,  
A planta vivifica,  
Despe o tenro jasmim do cálix tenro,  
Ao Zéfiro anelante  
De espinhoso botão desprende a rosa.  
Áureas guias sustendo  
Aos activos ginetes, Febo assoma,  
Bate a cérula estrada,  
E estende pelos céus brilhante dia.  
Eis terrenos vapores  
Em miúdas porções, que atraí, que eleva,  
Aos puros ares sobem,  
Unem-se pouco a pouco, avultam, giram,  
A grata luz sufocam,  
E em rápidos chuveiros se derretem.  
Por entre várzeas ledas,  
Verdes colinas, fluorescentes prados,  
O claro, o doce Tejo  
Sussurra, ufano das areias de oiro,  
De alta veia abundosa;  
Mas quando mais audaz, mais amplo corre,  
No salgado Oceano  
Perde o sabor, o cabedal e o nome.  
Sobrepujando às nuvens,  
Torre alterosa os séculos afronta;  
Com rígido alicerce  
Carrega, escora no profundo Averno,  
Qual do opresso Gigante  
Pesa nos ombros o estrelado Olimpo:  
Súbito brama, estoira  
Ar comprimido no interior da Terra;  
Desordena-se a base,  
A assombrosa Babel se desconjunta,  
Soa a terrível queda,  
Num baque se desfaz o ingente orgulho.  
Crespo, enorme rochedo  
Rebate as vagas, que a tragá-lo investem;  
Ronca de injuriado  
O Pélogo arrogante, as fúrias dobra,

Multiplica os assaltos,  
Recrescem ondas, e o penedo ileso;  
Nisto do seio escuro  
Da procelosa nuvem rebentando,  
Ígnea frecha, seguida  
Do horrísono trovão, dá sobre a rocha,  
Em pedaços a espalha:  
O que não pôde o mar lá pode o raio.  
À temerosa fronte  
De bravos esquadrões, ardendo em sanha,  
Qual tu, Númen da guerra,  
Frenético mortal insulta a monte;  
Por entre espessa chuva  
De fêrvidos peloiros, que sibilam,  
Corre, vozeia, ataca,  
Rompe, abate, destrói, e enfim triunfa.  
Ei-lo em carro pomposo,  
Tirado por misérrimos despojos  
Da sanguenta Vitória,  
Por seus iguais, que aflitos, presos, curvos  
Ao jugo vergonhoso,  
No pá, no pejo envoltos, suam, gemem.  
Lá volve ao duro ofício  
O flagelo, o terror da Humanidade;  
De antemão se gloria  
Dos novos loiros, que já crê que apalpa;  
Engana-se o perverso;  
A Ventura cansou de honrar-lhe os crimes.  
Lá se ateia o conflito,  
O bárbaro guerreiro arqueja e ferve,  
Contra as armas adversas;  
Punge o bruto veloz, que ardido escuma.  
Assassino adornado  
Do título de herói, não vês, não sentes  
Os ministros da Morte,  
Os hórridos fantasmas que te seguem?  
Lá o assaltou, o rodeia  
Raivosa turba hostil; pesados golpes  
Chovem sobre o tirano;  
Lida em vão, perde o ferro, em rubro lago  
Se revolve na terra:  
Exulta, Natureza, o monstro expira!  
Nada tem permanência,  
Caprichos da Fortuna alteram tudo.  
Musas inspiradoras,  
Graças mimosas, cândidos Amores,  
Almo prazer me deram;  
Fitos em Nise o coração e os olhos,  
Num êxtasis suave,  
Pus em doce aliança a voz e a lira;

Da famosa Ulisseia  
Os corvos aterrei, fui grato aos cisnes.  
Hoje, sumido à gente,  
A luz vedado, em cárcere medonho,  
Nem parece que existo.  
Réu me publica opinião potente,  
Triste labéu me afeia;  
Perdi a minha Nise, a glória minha,  
A minha liberdade.  
Remotos estes bens, que bem me resta?  
O maior: – a constância!

*Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José de Seabra da Silva, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino*

*Seigneur, si jusqu'ici, par un trait de prudence,  
J'ai demeuré pour toi dans un humble silence,  
Ce n'est pas que mon coeur, vainement suspendu,  
Balance pour t'offrir un encens qui t'est dû.*

Boileau, *Discours au Roi*

A séria, imparcial Filosofia  
Também louvores tece,  
Também canta de heróis, ó Musa, o nome.  
Se com ar carrancudo,  
Se com terrível cenho os olhos lanças  
Ao monstro fraudulento,  
Ao segundo Proteu que se insinua  
Nos sumptuosos paços,  
Que mil figuras faz, mil cores toma,  
Do Tempo e da Fortuna  
Os erros abrilhanta, os vícios doira;  
À túrgida Opulência  
Queima em profano altar venais aromas,  
E adora, aplaude os crimes,  
Quando os crimes protege a vária deusa,  
Enquanto à míngua morre  
No vil tugúrio o mérito esquecido;  
Se a lisonja abomina,  
A lisonja falaz, abjecta escrava;  
Se maldições tremendas  
Sobre a curva cerviz lhe descarregas;  
Se invocas em seu dano  
O Mar, a Terra, os Céus, o Inferno, o raio,  
Hoje, no grémio puro  
De são prazeres, desenruga a testa,  
Rende culto à verdade,  
De sublime varão remonta os vivos  
Ao pólo rutilante.  
Política feroz, que sempre armada  
De bárbaros pretextos,  
À morte horrenda em lúgubre teatro  
Dás vitimas sem conto,  
Apoucas e destróis a Humanidade,  
Afectando mantê-la;  
Negro, voraz dragão, que as honras tragas,  
Herança da virtude,

Do grão saber, dos ínclitos suores  
Do herói laborioso;  
E tu, Fúria pior que as Fúrias todas,  
Surda, imota, insensível  
Do assanhado Remorso à voz e às ganas,  
Que o digno, o sábio, o justo  
Defraudas a sabor de vãos caprichos,  
E os teus dons amontoas  
No ocioso, no mau, no vil, no inerte;  
Paixões abominosas,  
Fonte da corrupção na espécie humana,  
Vos nunca envenenastes  
O coração do herói, que me afogueia,  
Que me estimula a mente,  
A mente, onde revolvo altos mistérios,  
Transcendentes ao vulgo;  
O coração do herói que entrego à fama,  
É o altar da Virtude.  
Vós, serpes, com medroso acatamento,  
Vós lhe fugis de rojo,  
E enroscadas no chão silvais ao longe;  
Ao longe alaga a terra  
Peçonha que das fauces vos transborda;  
Em tanto que assombradas  
Do padrão que à Virtude em verso erijo,  
Este clima, estes ares  
Danais, enegreceis com torpe alento,  
A Verdade os serene,  
A Verdade os apure, em hinos solta.  
Sim, tu, filha do Olimpo,  
De meus cultos fiéis ídolo augusto,  
No doirado momento  
Em que alto dom dos Céus a Terra obteve,  
Em que Seabra excelso  
Honrou com seu natal a Humanidade,  
Voa, voa, exultante  
À leda habitação do herói benigno;  
Vai rever-te em seu rosto,  
E audaz, e tal como és, sem véu, sem arte,  
Nas mãos lhe deposita,  
Nas mãos propícias o espontâneo voto.  
Tu, perspicaz Astúcia,  
Só do baixo interesse a língua sabes,  
Dizes o que não sentes:  
As vozes, que o filósofo profere,  
Só a Razão dirige.



*Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José de Seabra da Silva*

Do Lácio portentoso e da alta Grécia,  
Tenaz memória minha,  
Os fastos, os anais em vão revolves.  
Em vão me representas  
Sócrates devorando entre os alunos  
A venéfica planta  
Com repousado aspecto imperturbável;  
Além, Régulo, entregue  
A raivas brutas da feroz Cartago,  
Dando em longos tormentos  
A natureza horror, trabalho à morte;  
Aqui o estóico invicto,  
O ríspido Catão brandindo o ferro,  
Lacerando as entranhas,  
Na glória abstracto de morrer com Roma.  
Que presta ao mal o exemplo?  
Reflectir e sofrer, quanto difere!  
Por haver desgraçados  
Sou menos infeliz, sou menos triste?  
E se o sábio de Atenas,  
O oráculo moral, ao termo infausto  
Volveu olhos tranquilos;  
Se, avesso a César, o Uticense austero  
Sufocou agras dores  
No ardor, na fúria, na aversão, no orgulho,  
Ou talvez na virtude;  
Se em garras de leões com visos de homens  
Transpôs a Humanidade  
O aprisionado herói no atroz suplício,  
Todos, ah!, todos viam  
Dentre o ponto mortal surgir-lhe a fama,  
Em padrão venerando  
Dar-lhe eterno carácter, nome eterno;  
A sã posteridade  
Ouviam de antemão denominá-los  
Mártires da calúnia,  
Alvos da inveja, vítimas da Pátria.  
A mim, desventurado,  
Num cárcere cruel envolto em sombras;  
A mim, curvo, abatido  
Ao peso do grilhão, da injúria ao peso,  
Ente vulgar, inútil,  
De mil tribulações, que recompensa»  
Que futuro me resta?  
A desesperação meus fados cinge

A meu peito afanoso;  
Eis férvido tição, roubado às Fúrias,  
Arremessa ululando;  
Eis... Mas Céus!, que visão!, que luz!, que assombro!  
Cândida imagem leda  
Me abala o coração, me encanta os olhos!  
És quimera ou deidade,  
Sécia dos Numes ou ficção da ideia,  
Tu, que benigno raio  
Derramas neste honor, neste amargoso  
Domicílio dos males?...  
Ah!, tens etéreo ser, em ti rutila  
O reflexo de Jove!  
Mas dignas-te de vir ao triste seio  
De medrosa masmorra?!...  
Habitante do Céu brilhar no abismo?!...  
Atraíu, porventura,  
Encaminhou talvez aqui teu voo  
O não raro acidente  
De estar sem crime habitação de crimes?  
Tu vês, ente celeste,  
Tu vês meu coração: não é perjuro,  
Não cruel, não ingrato,  
Ama o dever, a proibidade, a honra,  
Dá hinos à virtude,  
Aos altares incenso, aos sólios culto...  
Ah!, que doces lembranças  
Teu ar aprovador me acorda na alma?  
Das trevas o costume  
Quanto me confundia a vista escassa!  
Já outrora a meus olhos  
Tua face luziu, já foste outrora  
Meu refúgio, meu Nume.  
Santa Beneficência! És tu que afagas  
A desventura minha,  
Da desesperação tu vens salvar-me  
Co'a ridente esperança,  
Tesouro de infelizes, dom do Eterno?  
Ah!, tu, que em mim restauras  
A maciça constância, o férreo escudo  
Contra os golpes do Fado,  
Meu Númen tutelar, não dês ao Tempo,  
Azo não dês aos males  
De aviltar-me outra vez, de unir-me à terra  
A descaída frente;  
Em benefício meu de mim te aparta,  
Grato lugar demanda,  
Lugar digno de ti, sagrada estância  
Do perfeito heroísmo,  
Da glória, que não é romper muralhas,

Tragar a natureza,  
Ou nutrir ilusões, dar vulto ao nada,  
Mas em jugo macio  
Docemente prender geral vontade;  
Idear que prospere  
Mais o público bem, que o bem privado;  
De áureo, sacro volume,  
Volume da Razão, que luz no trono,  
Transcrever puramente  
Leis amigas do Céu, do Mundo amigas.  
No lugar, que te aponto,  
Conheces, Deusa, de Seabra os lares;  
Seu louvor, no seu nome,  
Na glória, que descrevo, a glória sua.  
Ao penetral brilhante,  
Onde os influxos teus dos astros descem,  
Leva o quadro funesto  
Das minhas opressões, dos meus desastres;  
Roça com ele o peito  
Do preclaro varão, que aflito invoco:  
Deploráveis objectos  
Na alma piedosa o sentimento apuram.  
Sejam, sejam remidos,  
Pela dextra eficaz do herói prestante,  
Meu prazer, meu repouso,  
A mente, a liberdade, a luz e a vida  
Neste horror sufocadas.

XIII

*Aos felicíssimos anos da Ilustríssima e Excelentíssima Senhora D. Ana Felícia Coutinho Pereira de Sousa Tavares de Horta Amado e Cerveira, etc., etc.*

Séculos de oiro, luminosa idade,  
De inculpáveis costumes,  
Eras em que a folgada Humanidade  
Apenas tinha que invejar aos Numes;  
Época da inocência e da alegria,  
Oh tempo augusto e santo!  
De vós ao menos inda existe um dia,  
Dia adorável, que em meus versos canto.

Quando recente o Sol caiu na esfera  
Cristalina e serena,  
Bordou co'a mão subtil da primavera  
Ao tenro mundo a superfície amena,  
Do grémio criador surgiram flores,  
Flores que não murchavam,  
E incessantes Favónios brincadores  
Alígeros perfumes lhe roubavam.

O dom da grata Ceres, tremulando,  
Sem arte enlourecia;  
As ondas preguiçosas desdobrando  
Sobre a declive areia o mar se ria:  
De aprazível matiz até viçosos  
Eram penedos brancos,  
E estavam dos carvalhos alterosos  
Mel espontâneo destilando os troncos.

Delícias da primeva natureza,  
Hoje volveis à terra;  
O riso, a glória, o júbilo, a pureza  
De tantos dias um só dia encerra.  
Mas em honra de quem, mas por que indulto  
Gozam dele os humanos?  
Que deus, ó Musas, lhe baldou o insulto  
Do monstro enorme, tragador dos anos?

Jove lançando a vista ilimitada  
Ao globo pervertido,  
A terra por mil vícios profanada,  
Se esquece de que é Deus, solta um gemido:  
Turvam-se os astros, mas enfim serenos  
Lhe ouvem com ar jucundo:  
«Um dia venturoso, um dia ao menos  
Dos dias que perdeu console o mundo.»

Eis nos arquivos, que resguarda o Fado  
Co'a chave diamantina,  
Áureos futuros em montão sagrado  
Revolve providente a mão divina:  
Um deles, que transcende a luz febeia,  
Dos mais desembaraça,  
E à grande, ilustre e majestosa ideia  
Da alta heroína alto destino enlaça.

«A ti, clara porção do etéreo lume,  
Espírito formoso,  
A ti se deve (pronuncia o Nume)  
Depósito condigno, excelso, honroso.  
Nas plumas de alvos génios fulgurantes  
Risonho ao mundo voa;  
Sê prole exímia de varões prestantes,  
Onde o vítreo Mondego alegre soa.

«Esmalte dos magnânicos Coutinhos,  
Dos teus progenitores,  
Hás-de atrair os paternais carinhos  
Ao íman de teus dons encantadores.  
Uma alma, como tu, cândida e bela,  
Devo aliar contigo;  
E o mundo gozará por ti, por ela,  
A virtude exemplar do tempo antigo.

«Aquele a que te unir propícia estrela,  
Será da Pátria Atlante;  
Irá suster-lhe o peso, irá mantê-la  
No ombro jamais cansado ou vacilante;  
Ele origem será, será o exemplo,  
A luz de heróis preclaros;  
Seu nome se ouvirá no eterno templo,  
Templo difícil, a que sobem raros.

«Asilo do infortúnio e da inocência,  
Seabra generoso,  
Requintando eficaz beneficência,  
O mais triste mortal fará ditoso:  
A vate opresso da calúnia infida  
Dará pronta vitória;  
Há-de restitui-lo ao mundo, à vida,  
Ao gosto, à liberdade, à paz, à glória.

«Génios brilhantes, que cingis meu sólio,  
Velai no par sublime;  
Virtude, qual não vira o Capitólio,  
Frouxas virtudes pelo exemplo anime:

Além dos pátrios céus abra caminho  
O esplendor, que derrama;  
Do grão Seabra, da imortal Coutinho  
Sejam cantores a Verdade e a Fama.»

Assim vociferou na estância augusta  
O Monarca superno,  
E entretanto do Fado a mão robusta  
O decreto lavrou no livro eterno.  
Eis que dos tempos de oiro adormecidos  
Pura extracção desvia,  
E os Céus se ensoberbecem, guarnecidos  
Do ameno, desusado, amável dia.

Um vate que dirá, depois de um nume?  
De ti qual digno canto?  
Grande, extremado objecto, em vão presume  
Voz, que não for celeste, honrar-se tanto.  
Temor, que a lira audaz de mim remove,  
É respeito, é decoro:  
Intérprete fiel da voz de Jove,  
Tuas virtudes em silêncio adoro.

XIV

*Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José de Seabra da Silva*

Fantasmas do Terror, sócios funestos  
Do queixoso Infortúnio,  
Tristes combinações, verdugos da alma,  
Já não sois meus tiranos.  
Descei, filhas do Céu, tomai-me a lira,  
Tomai-me o dom sagrado;  
Meus dedos, quase inertes de ociosos,  
Pelos canoros fios  
Co'os apolíneos sons de novo atinem,  
Achem de novo a glória.  
Celeste viração, que a mente humana  
Fecunda, purifica;  
Estro brilhante, criador dos hinos,  
Dissipa imagens turvas,  
De agra tristeza desvanece o rasto  
No espírito do vate,  
À sombra dos altares acolhido.  
A estrídula corrente,  
O peso infamador aqui não soa;  
Aqui não soam mágoas  
Da vexada Inocência lamentosa,  
Nem do Crime oprimido  
Atroz blasfémia desafia o raio.  
Aqui reina a Virtude,  
A fagueira Piedade acode ao pranto,  
Tempera a desventura.  
Mais do que em todos, neste asilo augusto,  
Como que estás soprando,  
Oh pura, salutar, vivificante  
Respiração de Jove!  
Já da semente, que afogavam medos,  
Surgem frutos viçosos,  
Em que os heróis a Eternidade gostam;  
Da alma rebentam versos,  
Versos, que vão luzir, votiva of'renda,  
Da Gratidão nas aras.  
Tu, Seabra imortal, meu canto acolhe,  
Como os ais me acolheste;  
Constrangendo a modéstia, anui ao voto.  
No idioma de Febo  
Dá que em teus vivas minha voz se inflame;  
Que das Musas o aluno  
Grato aos influxos da demência tua,  
A teu carácter grande  
Padrões erija, que não rói a idade.

Horas há portentosas,  
Em que da vil matéria desatado,  
Sem que o desligue a morte,  
Além da natureza adeja o vate;  
De encarar no vindoiro  
O dom foi agregado ao estro santo;  
Para os filhos de Apoio  
Privilégios não tem, nem véus, nem sombras  
O imutável Destino.  
Num ígneo turbilhão correndo a mente  
Aos Penetrais eternos,  
Em lâminas de bronze olhei teus Fados  
Com mudo acatamento.  
Dado me foi também colher futuros  
Para amáveis penhores  
De que o doce Himeneu te fez mimoso:  
É da Sorte decreto  
Que as vergôntes gentis vicejem tanto,  
Como a planta que as nutre;  
Em não remota idade ornando a Pátria,  
Na Fama reluzindo,  
Heróis produzirão, que heróis produzam.  
Não se alucinam vates;  
Mil glórias te hei previsto à clara estirpe!  
Brilhará, como brilhas,  
E de igual permanência estão fadados  
O Universo e teu nome.



*Ao Senhor José Bersane Leite*

Euro, batendo as asas procelosas,  
O Pélogo entumece  
Medonhos Escarcéus de fofa espuma  
Às nuvens se arremessam.  
Do trovão, do fuzil o estrondo, o lume  
Atroa e cresta os ares,  
Hórrido aos olhos, hórrido aos ouvidos.  
Lutam co'a Vaga enorme  
Afrontados Baixéis, no Tejo arfando.  
Ao repelão frequente  
Resiste apenas a robusta amarra.  
Oh, que terror semeia  
O tumulto que o Mar e o Céu revolve!  
Lá negreja no Ocaso,  
De Espectros ladeada, a Noite horrenda!  
Lá desce, lá caminha,  
E envolve manso e manso a Natureza  
No véu caliginoso.  
O Crime velador, a audaz Ternura  
A saúdam, risonhos;  
Ávida Turba com silêncio cauto  
Meios e ardis traçando,  
Lhe espreita os passos, lhe calcula as horas;  
A frágil posse anela  
Desses ídolos vãos – Oiro, Beleza –  
Tão fatais, tão queridos!  
Ó venturoso, tu que, rodeado  
De cândidos prazeres,  
Nos lares teus, nos lares da Virtude,  
Ora em êxtasis doce  
Pendens do Cisne, que as Meândrias águas  
Ao sacro Tibre invejam;  
Ora todo te dás ao som divino,  
Às líras milagrosas  
Do meu Tiónio, do atilado Eurindo,  
De Leucácio fecundo,  
Que, acesos despregando ao Estro as asas  
Pelo cerúleo Vácuo,  
O Sol transcendem, somem-se nos Astros,  
Do Fado a névoa rompem,  
Mistérios sondam, maravilhas palpam,  
Enquanto o Zoilo inerte,  
Cego ao rasto, ao fulgor, que pelos ares  
O árduo voo assinala,  
Morde e remorde as víboras do seio,

Pragueja, brama, escuma;  
A cólera de Jove antes quisera,  
E ir, despojo do Raio,  
Arder co'as Fúrias, ulular no Inferno,  
Ouvir troar Sumano,  
Que sofrer o clarão da glória alheia.  
Feliz, feliz mil vezes  
Tu, meu Josino, que à verdade afeito,  
Nunca do exímio Vate,  
Do Herói, do Sábio o crédito escasseias!  
Não figuras, não sonhas  
No mérito dos mais o teu desdoiro;  
Às paixões sobranceiro,  
Ao jugo da Razão vontade presa,  
Do Autor distingues o Homem;  
Se Espírito falaz co'a vil Calúnia  
Enevoar teus dias;  
E se as Musas de si lhe derem tanto,  
Que emboque épica Tuba,  
Que o som da eterna Ilíada renove,  
Dirás, dirás absorto:  
«Na voz, que me feriu, revive Homero!»  
Exemplo venerando!  
Raros o seguem, se o proclamam todos.  
Mas vive tu, Josino,  
Vive co'a glória, co'a perpétua glória,  
Que ao grave exemplo quadra.  
Só com ela, porém, medrar teu nome  
Não deve entre os famosos.  
Teu génio lide, esmere-se a tua alma  
Na próspera cultura.  
Do Monte Augusto; admirem-te os que admiras;  
Sê mais fiel, mais grato  
Às Musas, que te querem, que te acenam,  
Que os loiros te cultivam;  
Não temas, não fraquejes; voa e canta  
Além do Vulgo insano.  
Estátuas e Padrões consome o Tempo,  
Desaba o cerro anoso,  
Perece o feno, o bronze, e versos vivem.  
Para cantar de amores  
Suave inspiração lá tens nos olhos,  
Nas ondadas madeixas,  
No riso ingénuo da louçã Ritália,  
De Anarda encantadora.  
Para cantar de Heróis, que à Pátria deram  
Não cuidadas vitórias,  
De sangue, de suor, de pó manchados,  
Forçando o Mar e a Terra,  
Lê Camões, lê Camões, com ele a mente

Fertiliza, afervora,  
Povoa, fortalece, apura, eleva;  
Que o malfadado Elmano  
Em tosco domicílio, onde o sopeiam  
Carrancudas Tristezas,  
Afaz o lutuoso pensamento  
Ao fantasma da Morte;  
Mantém na solidão, no honor das trevas  
Reflexões amargosas,  
E vê na confusão da Natureza  
O quadro da sua alma.

XVI

O QUADRO DA VIDA HUMANA

*Alegórica*

De Porto mal seguro a turvo Pego  
Sai mesquinho baixel com raras velas,  
Vai crespas ondas, pávido, talhando  
À discrição dos ventos.

Nauta inexperto lhe dirige o leme,  
Chusma bisonha lhe mareia o pano;  
Dum lado fervem Sirtes, doutro lado  
Navífragos penedos.

Sussurrante chuva os ares cena,  
Luz sulfúreo clarão de quando em quando,  
De iminente procela os negros vultos  
Fero estrago ameaçam.

Já bravos escarcéus, que se amontoam,  
Por cima do convés soberbos saltam.  
Prossegue na derrota o débil pinho,  
Das vagas quase absorto.

Depois de longamente haver corrido  
A estrada desigual com céus adversos,  
Em lugar de colhê-lo, o pano aumenta,  
Desafia o naufrágio.

Imaginária terra se lhe antolha,  
De mil e mil venturas semeada:  
Anelas por surgir no porto amigo,  
Cobiçosa Esperança.

Para cevar o horror mais campo havendo,  
A tona tempestade então mais zune;  
Em raios, em tufões todo o ar converte,  
Todo o pélagos em serras.

O mísero baixei desmantelado  
Aos duros encontrões do mar, do vento,  
Sobe às estrelas, aos abismos desce  
Entre o pavor e a morte.

Súbito acode próvido piloto,  
Que, oprimido até ali, jazera em ferros,

Num vil cárcere escuro, onde rebeldes  
O tinham sopeado.

Estende a mão forçosa, aferra o leme,  
O lenho desafronta, o rumo escolhe;  
Com saber eficaz, com alta indústria  
Vai sustendo a tormenta.

Já volumosas nuvens se adelgaçam,  
O vento se amacia, o mar se aplanar:  
Do benigno Santelmo o ténue lume  
Reluz no aéreo tope.

Reina um pouco a suave, azul bonança;  
Mas eis se tolda o céu de novas sombras;  
Mais negra, mais feroz, mais horrorosa  
Ressurge a tempestade.

O sábio director, que todo ufano  
Da recente vitória inda folgava,  
A repetido assalto opõe debalde  
Arte, vigor, constância.

Tremendo aos furacões impetuosos  
Já descorçoa, enfim, já desalenta;  
Co'a máquina infeliz, que já não rege,  
Misérrimo soçobra.

Ó ente racional! Ó ente frágil!  
Escravo das paixões que te arrebatam!  
Olhos sisudos neste quadro emprega:  
Eis o quadro da vida.

XVII

*Ao Senhor Inácio Quintela, Oficial de Marinha e excelente poeta*

Impávido outra vez, Quintela egrégio,  
Vás pôr freio aos tufões, dar leis aos mares,  
Do grande génio teu dobrar ao jugo  
Carrancudas procelas.

Ruem por terra as empenadas portas  
Das eólias, horríssonas masmorras,  
Que de um fero encontrão, rugindo, arromba  
A caterva dos Euros,

Soa o duro estridor das asas negras,  
Nuvens a nuvens súbito se agregam;  
O pego se revolve, o céu goteia  
Tinto da cor do Inferno.

Eis arde, serpeando entre os horrores  
Da basta cerração, fulmíneo lume;  
Eis pesados trovões o pólo atroam,  
Os nautas ensurdecem.

Nos crespos escarcéus lá surge a morte,  
Em montanhas de espuma o lenho afronta;  
Rasga celestes véus o aéreo tope,  
Roça no Averno a quilha.

Aos bravos furacões que não fraquejem  
Grita o Deus cio tridente e o Deus do raio;  
Nos eixos nuta o Mundo à voz dos torvos  
Irmãos omnipotentes.

Medrosa palidez destinge as faces,  
Sopeia as forças, enregela o sangue;  
Já sobre as asas do Terror convulso  
Foge a murcha Esperança.

Em choroso fragor mil preces tentam,  
Voando, amolecer de Jove as iras:  
Sanhudos turbilhões co'as amplas fauces  
Os votos extraviam.

Sobranceiro ao pavor, Quintela em tanto,  
Contrastando os revoltos elementos,  
Depois que exaure, ó arte, em vãs indústrias  
Teus pródidos tesoiros,

Pela undosa braveza ao ver sem fruto  
Subtis combinações, subtis segredos,  
Recorre à sacra lira, ao dom divino,  
Dom fecundo de assombros.

Rebentam dentre as ondas marulhosas  
Namorados delfins; os ventos dormem,  
Desassombra-se o Pólo, o mar se encurva  
À potente harmonia.

Ante o novo Aríon, como encantados,  
Surdem verdes tritões do equóreo seio;  
Assoma de Nereu a ingénua prole,  
Nos monstros escamosos.

Ó dádiva dos Céus! Ó lira augusta!  
Para o digno cantor, o exímio vate,  
Não corre o tempo, não dimana o Letes,  
Não há segunda morte.

## XVIII

### *Aos Amigos*

(imitada de uns versos de Monsieur Parny)

Jazem desfeitos meus penosos ferros,  
Súcios fiéis; eis volto  
Liberto de aflições aos vossos braços,  
Ó serena amizade!  
Tu prestas mais que Amor: seus vãos favores  
São caros, são custosos.  
já, já lhes disse adeus, e lhes prefiro  
O néctar, que roxeia  
Em honra de Lieu nos vítreos copos;  
Ele me extrai, me apaga  
A memória tenaz de acerbos males.  
Eia, amigos, libemos  
Almo, rubro licor que gera os risos,  
Os festivais gracejos,  
Que espanca o frouxo medo, o pejo inerte,  
E as Musas desafia,  
E esperta o sangue ao ancião rugoso.  
Dos prazeres da terra  
É este o só prazer extreme e puro,  
É de todos os tempos.  
Ele da perda de gentis ingratas  
Nos consola e nos vinga.  
Ele... Ah! Triste de mim! Como é difícil  
Afectar alegria  
No seio da aflição! Como é forçado  
E sensabor o riso,  
Se o pranto da tristeza acode aos olhos!  
Não mais, ó taça inútil,  
Licor infrutuoso, ah!, longe, longe!  
E tu, séria Amizade,  
São, divino prazer, tu só não podes  
Contentar meus desejos.  
Ao tropel das paixões, que lutam na alma,  
Debalde impõem silêncio  
As vozes da Razão e as vozes tuas.  
Ai de mim! Tu lamentas,  
Choras os males meus, e a ti cumpria  
Acautelar meus males.  
Quando me vês caído, a mão me of'reces,  
A mão, que funda chaga,  
Em vez de ma curar tonteia, assanha.  
Vai-te, não me alumies;  
As luzes da Verdade Amor não sofre.



Quer Amor que eu me iluda,  
Que, surdo à voz do desengano austero,  
Que, desmentindo os olhos,  
Engane o pensamento em mil quimeras,  
Que, dos fenos curvado,  
Cante os prazeres, cante a liberdade;  
Que, em suave transporte,  
Mil sombras vãs na fantasia abrace;  
Que imagine venturas  
Entre as garras de aspérrimos desgostos.  
Virão, virão remir-me  
Do cativoiro antigo esses momentos  
Em que os mortais acordam  
De um profundo letargo, em que, severa,  
Na escuridão do engano,  
A próvida Razão meneia o facho,  
E em que aos olhos já claros  
Voa, desaparece o falso encanto,  
O sonho dos amores.  
Tu, Tempo estragador, batendo as asas,  
Arrebatas contigo  
As nossas propensões, os gostos nossos;  
Tu hás-de melhorar-me,  
Tu hás-de rematar minhas cegueiras.  
Então, fiéis amigos,  
Rotos os ferros, sacudido o jugo,  
O coração de Elmano  
Tornará para vós, será qual fora,  
Se o permitisse Armia.  
Sobre a vossa experiência então firmada,  
Minha usual fraqueza  
Talvez cobre vigor, talvez evite  
O regresso danoso,  
A fatal sensação de vãos prazeres.  
Vós me vereis, contudo,  
Volver para as paixões da fresca idade  
Olhos humedecidos;  
Gemer a meu pesar, corar de pejo  
Co'a teimosa lembrança  
Dos delírios de Amor – e, envergonhado,  
Ter-lhe ainda saudades.

## O DESENGANO

*Versas epódicos*

Assaz temos cantado, assaz carpido,  
Ó lira, ó doce lira,  
Os bens e os males do comum tirano,  
Que nas almas derrama  
A dor e o riso, o néctar e o veneno.  
Longe a brilhante ideia  
De olhos fagueiros, de aneladas tranças,  
De angélicos sorrisos,  
De momentâneos amorosos furtos;  
Longe a amarga lembrança  
De vis perjúrios, de cruéis enganos,  
De traições estudadas;  
Longe as memórias da infiel Marília.  
Feitiços perigosos,  
Verdugos da alterosa Liberdade,  
Tu, dom da formosura,  
Fatal aos corações, suave aos olhos,  
Tu, que em meus pensamentos  
No arbítrio meu, despótico, imperavas,  
Tirano, impõe teu jugo,  
Teu férreo jugo na cerviz daqueles  
Que a sisuda Experiência  
Por entre pavorosos precipícios  
Inda ao templo remoto  
Não guiou do profícuo Desengano.  
Vencida a longa estrada,  
Onde o Erro elevou montes e montes  
Para estorvar ao homem  
Sagaz instinto que à Verdade o guia,  
Vejo, saúdo os Lares,  
Lares augustos do terrível Nume,  
Atento à voz do aflito  
Que ingénuas preces lhe dirige às aras,  
Surdo a rogos falazes  
Do cego escravo, que idolatra os ferros,  
Liberdade implorando...  
Que solidão, que plácida tristeza,  
Que profundo silêncio  
Reina em torno do alcáçar venerando!  
Ó sacro domicílio  
Da Verdade imortal! Quê! Tu num ermo!  
Os teus átrios desertos,

Sem culto, sem ministro os teus altares,  
Enquanto à vã grandeza  
Servil caterva prostitui incensos,  
E a curvada Lisonja  
Os crimes doira, os vícios abrilhanta!  
Ah!, eu te vingo, ó deusa!  
Eu entro o franco pórtico espaçoso  
E às aras... Mas que sinto!  
Que gelo, que tremor, que sobressalto  
Me prende a voz e a planta,  
Me abate as forças, me arrepia as carnes!  
Coração, que te assombra?  
Que temes, coração? Perder Marília?!  
Manha acaso é tua?  
Não maculou, traidora, os puros votos,  
Os ternos juramentos?  
Não viste a desleal sem dor, sem pejo,  
Cevar-se nos teus males,  
Co'os lindos olhos em Fileno absortos?  
Que importa que em seus lábios,  
Seu ledorosto, seu virgíneo seio,  
Os Amores e as Graças  
Presentem mil imagens deleitosas,  
Onde os sentidos passem.  
Que importa, se a traição surgiu do Averno  
A corromper-lhe o peito?  
Que vale sem virtude a formosura?  
Cede ao tempo, à desgraça;  
Do espírito a beleza é sempre nova.  
Coração, triunfemos,  
Triunfemos da pérfida Marília,  
E se a razão não basta,  
Vença a vaidade o que a razão não vence.  
Envergonha-te ao menos  
De seres só feliz, quando o permite  
O teu rival soberbo,  
Que, enjoando os afagos importunos  
Da perjura que adoras,  
Às vezes com desprezo em ócio os deixa,  
E se a ti se dirigem,  
Não vêm do coração, vêm do costume.  
Eia, mísero escravo,  
Sacode o jugo, despedaça os ferros,  
A vaidade te anime.  
Quase tudo o que é raro, estranho, ilustre,  
Da vaidade procede,  
Móvel primeiro das acções pasmosas.  
Tente-se a grande empresa,  
Forcem-se os Fados... Ai de mim! Palpitas?  
E em frequentes arrancos

Como que exprimes o pavor da morte!  
Coração, não! desmaies,  
Alenta-te, infeliz... Porém, que escuto?  
Que ruído, que assombro!  
Que resplendor me cerca e me deslumbra?!  
Torvos dragões, batendo  
Asas de negra cor, com duro estrondo,  
Se encontram, se atropelam,  
E, quais nocturnas aves, que amedrenta  
O clarão matutino,  
Espavoridos pelos ares fogem  
Ao fulgor cintilante  
De rubro facho, que na dextra empunha  
Venerável matrona,  
Librada sobre os Zéfiro plumosos!  
Ah!, quem és? Vens do Olimpo,  
Portentosa visão? Vens socorrer-me?  
Ou és aéreo fruto  
Da enferma, delirante fantasia,  
Que entre ilusões vagueia?...  
Não, já me iluminaste a mente cega,  
Reconheço-te, ó Deusa,  
És a prole dos Céus, és a Virtude,  
Que no benigno seio  
Acolhes os meus ais, os meus remorsos,  
Indulgente à demora  
Que tive em demandar teu santo asilo.  
Esses monstros, voando  
Ante o celeste resplendor que espraias,  
São pungentes saudades,  
Feias traições, frenéticos ciúmes,  
Que invisíveis 'té'gora  
As cálidas entranhas me ralavam.  
Graças, ó divindade,  
Que do sábio varão manténs o esforço,  
Quando a volúvel Sorte,  
Inimiga do mérito, o sepulta  
Nas solitárias sombras  
De profunda masmorra aferrolhada,  
Onde por mãos infames  
De aspérrimas correntes o carrega.  
Munido da inocência,  
Contigo ri o Herói no cadafalso;  
Contigo alegre observa  
Do carrancudo algoz na mão terrível  
O amolado cutelo,  
Executor de bárbara sentença,  
E contigo, ó deidade,  
Ó alta benfeitora, encaro as portas  
Do formidável templo.

Teu sagrado fervor de veia em veia  
Me agita, me transporta;  
Eu te sigo, eu te sigo... Ó Céus! Ó Deuses!  
Já sou meu, já sou livre.  
Ídolo falso, que de altar profano  
Davas leis à minha alma,  
Recebias meus votos, meus incensos,  
Tributos da fraqueza;  
Aleivosa Marília, horror e afronta  
'Té do tropel de ingratas,  
De astutas, de infiéis, que o mundo infamam,  
O escravo de teus olhos,  
A vítima infeliz de teus enganos  
Já tem rotos os ferros,  
Solta a vontade, o coração tranquilo.  
Como o Sol, quando vibra  
Na cristalina esfera os raios de oiro,  
Gasta, desfaz, consome  
Vapores, que exalou do seio a Terra,  
Também, falaz Manha,  
As luzes, que a verdade em mim dardeja,  
Absorvem, desvanecem  
A funesta ilusão, que na minha alma  
Te assemelhava aos deuses.  
Ingrata, consumiram-se os incensos,  
Retractaram-se os votos,  
Foram-se as oblações e os sacrifícios,  
Caiu o altar e o nume!

*Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Luís Pinto de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, etc.*

Inculto habitador das agras serras,  
Que mal de avena humilde  
Sabe os sons extrair, insinuados  
Da simples Natureza;  
Voz apenas capaz de urdir louvores  
Aos olhos, às madeixas  
De cândida pastora inculta e bela,  
Hoje, alteando o voo,  
Ousará dos heróis tentar o aplauso?  
Lançarei destemido  
A lira do Tebano a dextra inerte?  
Onde o fogo divino?  
Onde a frase dos deuses? Onde a força,  
A mente, a melodia?  
Da temerária empresa, ó vasta ideia,  
Não me reténs o impulso?  
Não; dois numes em mim, dois numes fervem,  
Me inspiram, me arrebatam,  
Santo Amor da Verdade, Amor da Pátria!  
Vós sereis minhas Musas,  
Vós estro me dareis, que eleve aos astros  
De Sousa o grande nome!  
Seus méritos sublimes, portentosos,  
Na acesa fantasia  
Em confusão brilhante me flamejam,  
Como no Pólo imenso  
De áureos luzeiros multidão lustrosa.  
Qual cantarei primeiro?  
Qual deve preceder aos mil que o cercam?  
Vós Artes, vós Ciências,  
Que a subtil percepção lhe alumiastes  
Nos florescentes dias,  
Em que a chusma dos frívolos prazeres  
Distrai almas vulgares  
Da sisuda atenção que exige Atenas,  
Quando o Liceu franqueia?  
Mas não: bem que vos amo, a vós prefiro  
Mais atractivo objecto.  
Alta fidelidade às leis, ao trono,  
Majestosas virtudes,  
Que do meu claro herói fulgis no peito,  
Vós acolhei meus hinos.  
Nobre corporação, profícua turma,  
Corações denodados,

Viventes muros da benigna Pátria,  
Que arrostais invencíveis  
O horror, a chama, o ferro, a morte, a glória.  
Vós ajudai meus vivas,  
Honrada gratidão vos dobre a fama!  
O espírito fulgente,  
O génio tutelar que em Lísia vela,  
Que insignes dons confere,  
Grão ministro de Jove, a povos gratos,  
Com celestes influxos,  
Invisível reside a par de Sousa;  
A mente lhe bafeja,  
Árduas combinações lhe induz, lhe aplanar;  
Política suprema,  
Onde a sagacidade abrange a honra,  
Lhe ministra, lhe apura:  
Num quadro luminoso o bem da Pátria  
Lhe conserva ante os olhos,  
Olhos, que travam do futuro esquivo:  
De horrísonas procelas  
De rijos aquilões, que perto assomam,  
Que rugem, que ameaçam,  
Comuns estragos, públicos desastres,  
Contra a temível sanha  
Lhe inspira as artes, o vigor que a domam.  
Já do fatal negrume  
O céu de Lusitânia as sombras despe;  
Limpo de atros vapores  
Vem apontando o Sol no carro ardente;  
Torna ao uso prestante  
Nos férteis campos o ocioso arado;  
Reinam serenos gostos,  
Na fausta Lísia se renova o Mundo.  
Respeitável ministro,  
Tesouro dos políticos mistérios,  
A Pátria, a que és tão caro,  
Grata e ditosa em teu louvor se inflama,  
Tuas acções pregoa!  
De legítimo herói o egrégio nome  
Tu granjeaste e gozas.  
Dos preclaros avós co'a série extensa,  
E imortal entre os Lusos,  
Grande, excelso te fez Fortuna amiga;  
Porém em áureos dotes  
Mais grandeza te deu, te deu mais lustre  
A amiga Natureza;  
Bastas a ti, Senhor, contigo brilhas;  
Tua glória és tu mesmo,  
E etéreo resplendor teus anos c'roa!

## À SANTÍSSIMA VIRGEM A SENHORA DA ENCARNAÇÃO

Acatamento em si e audácia unindo,  
Sobre o jus de imortal firmando os voos,  
A impávida Razão, celeste eflúvio,  
Se eleva, se arrebatada.  
Por entre imensa noite e dia imenso  
(Mercê do Condutor, da Fé, que a anima)  
Sobe de céus em céus, alcança ao longe  
O grão Princípio dos Princípios todos.

Além do Firmamento, além do espaço  
Que, por lei suma, franqueara o seio  
A mundos sem medida, a sóis sem conto,  
Imóvel trono assoma:  
De um lado e de outro lado é todo estrelas;  
Vence ao diamante a consistência, o lume;  
Absortos cortesãos o incensam, curvos;  
Tem por base e dossel a Eternidade.

Luz, de reflexos três, inextinguível,  
Luz que existe de si, luz de que emanam  
A Natureza, a Vida, o Fado, a Glória,  
Dali reparte aos entes  
Altas virtudes, sentimento augusto;  
Aos entes que na terra extraviados,  
Das rebeldes paixões entre o tumulto,  
Ao grito do remorso param, tremem.

Filho do Nada! Um Deus te vê, te escuta.  
Seus olhos imortais do empíreo cume  
(Aos teus imensidade, aos d'Ele um ponto)  
Atentaram teus dias,  
Teus dias cor da Morte ou cor do Inferno.  
Da alma em alma grassando a peste avita,  
Hálito de serpente enorme, infesta,  
Da primeva inocência a flor crestara.

Aos dois (como Ele) do Universo origem  
Diz o Nume em si mesmo: «O prazo é vindo;  
Cumpra-se quanto em nós disposto havemos.»  
Eis o Espírito excelso,  
Radiosa emanção do Pai, do Filho,  
Mística pomba de pureza etérea,  
À donzela idumeia inclina os voos,  
Pousa, bafeja e diviniza o puro.



Tu, Verbo, sobrevéns, aérea flama  
Com tanta rapidez não sulca o Pólo.  
Eis alteado o grau da humanidade;  
Eis fecunda uma virgem;  
A redenção começa, o Deus é homem.  
Da graça, da inocência, oh paz, oh risos,  
Do Céu vos deslizais, volveis ao Mundo.  
Caí, torres de horror, troféus do Averno!

Que estrondo!... Que tropel!... Ao negro abismo  
Que desesperação revolve o bojo!...  
Para aqui, para ali, por entre Fúrias  
O sacrílego monstro,  
O rábido Satã em vão blasfema.  
Lá quer de novo arremeter ao mundo,  
Mas vê rapidamente aferrolhado  
O tartáreo portão com chave eterna.

Enquanto brama, arqueja, enquanto o Fero  
Morde, remorde as mãos, e a boca horrenda  
(As espumas veneno, os olhos brasas),  
Mulher divina exulta;  
Celestial penhor, que os anjos cantam,  
Que as estrelas, que o Sol, que os Céus adoram,  
Virgem submissa, mereceu na Terra  
Circunscrever em si do Empíreo a glória.

Salvé, oh!, salvé, imortal, serena diva,  
Do Nume oculto incombustível sarça,  
Rosa de Jericó por Deus disposta!  
Flor, ante quem se humilham  
Os cedros de que o Líbano alardeia!  
Ah!, no teu grémio puro amima os votos  
Aos mortais de que és mãe: seu pranto enxugue,  
Seus males abonance um teu sorriso.

*À célèbre actrice e cantora veneziana Elisabeta Gafforini**Son charme s'insinue au fond de notre coeur.*

Vós, que o campo sulcais das néveas Ursas,  
Vós, íncolas da Aurora,  
Moradores das plagas de Colombo,  
Moradores da Líbia,  
Voai, voai do Luso ao vasto empório,  
E aos pés de Gafforini  
Derramai de Pancaia essências pias.  
Nessa torreada estância  
Das vagas adriáticas cingida,  
Onde Eridano rende  
Humilde vassalagem ao deus equóreo,  
Desde os primeiros dias  
Talia lhe embalou o tenro berço,  
E nas mimosas plantas  
Benigna lhe ajustou cómicos socos.  
As seminuas Graças,  
Os Prazeres, os Risos, os Amores  
Por ordem de Ericina  
Foram de sua infância os sócios fidos;  
E no bicórneo monte  
O dulcíssimo filho de Latona  
Entre as celsas Camenas  
Um troam lhe prepara aurifulgente,  
Onde esta semideusa,  
Deixando a terra, colocar-se deve.  
Mas aos aplausos nossos  
Não roubes, Gafforini, teus encantos,  
E desdenhando altiva  
O que te aguarda laureado sólio,  
Aos teus fúlgidos olhos  
Sejam mais grato sólio os nossos peitos.  
Manda neste planeta;  
Tu podes com teu canto endeusá-lo,  
E o solo, que trilhares,  
Será rival do bipartido cume.  
Satélite de Marte,  
Que desolando o globo, o globo cruzas,  
Ante a recente Musa  
Depõe curvado o crepitante raio,  
E, sua voz ouvindo,  
Derrama o pranto, que arrancaste ousado  
Dos rendidos castelos.

A Ônfale imitando, Ônfale nova,  
Rebata Gafforini  
Do hercúleo punho a formidável dava,  
Que das alvas paredes  
Do templo do Renome suspendida,  
Deve atestar aos evos  
Que uma ninfa pisou os férreos dardos  
Da púnica Belona.  
Virão Alunos da piéria Escola  
Que em grandíloquo metro  
Difundirão no mundo estupefacto:  
«Uma rival do Pindo,  
Pisando os pavimentos de Talia,  
Encheu de assombro outrora  
No Olimpo os imortais, na Terra os homens.  
Com seu mole sorriso  
O brônzeo misantropo exulte e ria,  
Com seus mestos suspiros  
No peito os corações se espedaçavam;  
E os ditosos, que a viam,  
Do resto do Universo se esqueciam.  
Ela manejou destra  
As dos afectos complicadas molas,  
E, sem que vacilasse,  
Largando as serpes da sanguenta Alecto,  
Nos vergéis de Cítera  
Co'as aljavas do amor meiga brincava.»  
Dirão; e os meus vindouros  
Lhe hão-de erigir altares sobre altares.  
Dizes, inflado Argivo,  
Que o Hemo se abalava à voz do Trácio,  
E não sabes que o Hemo,  
E a massa ingente do soberbo Atlante,  
Se Gafforini vissem  
Extáticos seus passos seguiriam?  
Ah!, ouve, ouve a sentença  
Que roubei dos arquivos do Destino:  
«Morrerão teus heróis,  
Tu mesma morrerás, vaidosa Grécia;  
Mas esta italiana,  
Seus fogos e seu nome eternizando,  
Há-de embotar o gume  
Da cortadora fouce das idades.»

XXIII

*Ao Senhor Nuno Álvares Pereira Pato Moniz*

*Carminibus quaero miserarum obliviam rerum.*

OVÍDIO

Já meu estro, Moniz, apenas solta  
Desmaiadas faíscas,  
Em que as frouxas ideias mal se aquecem;  
Elmano do que há sido  
Qual no gesto desdiz, desdiz na mente:  
Diástole tardia  
Já da fonte vital me esparge a custo  
O licor circulante,  
Que é rosa entre os jasmims de virgem face;  
Que outrora, esperto, aceso  
De santa agitação, de ardor sagrado,  
No cérebro em tumulto  
(Estância então de um deus!) me borbulhava.  
Respiração divina,  
Entusiasmo augusto, alma do vate!  
Que rápidos portentos,  
Portentos em tropel, não deste à Fama,  
Não deste à Natureza,  
À Pátria, ao Mundo, a Amor na voz de Elmano!  
Ora, aplanando os sulcos  
Com que a satúrnica mão semblantes lavra,  
A Razão pensadora  
Erguia aos graves sons o grave aspecto;  
Ora, ao ver-se anteposto,  
Por deleitosa insânia, a ela, a tudo,  
O grato, cíprio Númen  
Fadava docemente o doce canto  
No coração de Anália.  
Oh, êxtase, oh, relâmpagos da glória!  
Faustos momentos de oiro,  
Com que meu grau comprei na Eternidade!  
Do tempo meu voando,  
Do tempo, que anuviam negros males,  
Brilhais ainda em minha alma,  
Entre sombrias, áridas ideias,  
Qual entre aves escuras  
(Órgãos do agouro, intérpretes da morte)  
Requebros arrulhando,  
Das aves de Citera o coro alveja!...  
Mas ah, saudosos dias,  
Vós sois memória só, não sois influxo!

Não me reluz convosco  
O espírito, abismado em fundas trevas,  
Com gasto, débil fio  
Preso à matéria vil, que ralam dores!  
Ante meus olhos tristes  
(Que já da amiga luz se despediram)  
Sai da eterna voragem  
Vapor funéreo, que exalais, ó Fados!  
Eis meu termo negreja,  
Eis no marco fatal meu fim terreno!...  
Mas surgirei nos astros  
Para nunca morrer; com riso impune  
Lá zombarei da Sorte.  
Moniz, ó puro amigo! Ó sócio, ó parte  
Do já ditoso Elmano!  
Às Musas, como a mim suave e caro!  
De lágrimas e flores  
Honra-me a cinza, o túmulo me adorna.  
Não só longa amizade,  
Novo, sacro dever te exige extremos:  
Da lira minha herdeiro  
Meu nume Febo, e teu te constitui;  
Febo após mim te augura  
Vasto renome, que sobeje aos evos  
(É dos anos vantagem,  
Não vantagem do engenho a precedência).  
Teu metro majestoso  
Que, já todo fulgor zoilos deslumbra,  
Teu metro cintilante,  
Das Virtudes mimoso, aceito às Graças,  
Turvem saudades; canta  
Alguma vez de Elmano, e chora-o sempre,  
E Amor e Anália o chorem;  
Amor e Anália, meus piedosos numes,  
Sem mim, por mim suspirem.

XXIV

*A Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elísio)*

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos:  
Filinto, o grão cantor, prezou meus verses.  
Sobre a margem feliz do rio ovante,  
Donde, arrancando onipotência aos Fados,  
Universal terror vibrando em raios,  
Impôs tropel de heróis silêncio ao globo,  
O imortal corifeu dos cisnes lusos  
Na voz da lira eterna alçou meu nome.  
Adejai, versos meus, ao Sena ufano  
De altos, fastosos, marciais portentos:  
E ganhando amplo voo após Filinto,  
Pousai na eternidade em torno a Jove.  
Eis os tempos, a inveja, a morte, o Lotes  
Da mente, que os teme, desaparecem:  
Fadou-me o grão Filinto um vate, um númen;  
Zoilos! Tremei! – Posteridade És minha.

XXV

(FRAGMENTO)

De vipérea melena, e torvos olhos  
Corre por toda a Terra  
Féria tremenda, que estourou do Averno  
Lá na infância do mundo;  
Puxa de rojo aspérrima corrente  
De amplos anéis composta,  
Forjada de metal, mais negro e duro  
Que o duro e negro ferro;  
Preso em cada fuzil suspira um ente,  
Um racional padece,  
Do horrível monstro miserando espólio:  
Ali freme o guerreiro,  
Que a Fama carregou de hercúleos gestos;  
Que, atraindo-a mil vezes,  
Uma vez contra si viu a Fortuna:  
O grande ali se humilha,  
Inda de queda enorme atordado;  
Mortal, que o era apenas,  
Que do humano poder ao grau supremo  
Pela sorte exaltado  
Punha arbitrárias leis a curvos povos;  
.....

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*